

## **TRANSMISSÃO DO CARGO / PRONUNCIAMENTO**

**1º DE JULHO DE 2020**

[CUMPRIMENTOS]

Eu queria fazer uma fala leve, nada protocolar, nessa minha despedida da Presidência do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Com leveza, porque eu deixo a Presidência feliz, muito feliz, com a sensação de que conseguimos, eu e toda a diretoria e a equipe de auxiliares, dar uma contribuição positiva para o crescimento qualitativo do Poder Judiciário não apenas em nosso estado, mas em todo o país.

Mas não se assustem, que não vou lhes brindar com sonetos de pés quadrados ou com rimas pobres.

Também não irei lhes enfastiar com relatórios maçantes de feitos ao longo desses dois anos, mesmo porque o real balanço de nossas ações será sempre feito pela história e nós teremos apenas que nos curvar ao que a história escrever e a sociedade aprovar.

Digo apenas, para demonstrar meu estado de espírito neste exato momento, que, abro aspas, “o trem que chega é o mesmo trem da partida” e que “a hora do encontro é também despedida”, como já cantaram Fernando Brant e Milton Nascimento.

Digo ainda que não devemos sofrer com as despedidas, porque “só vai quem chegou e quem vem, vai partir”, como nos lembrou Cazusa.

Como lhes disse, estou em um momento leve... e poético.

Deixo a direção do Tribunal feliz, muito feliz, repito.

Não saio daqui dizendo que tirei uma carga pesada dos ombros, pois jamais entendi a direção do tribunal como um peso a carregar.

Dirigir nosso tribunal foi um desejo, uma vocação, enfim, uma responsabilidade para a qual me preparei e à qual me dediquei com todas as minhas forças e todo meu espírito, não importando se isto muitas vezes tenha me custado algumas angústias e algum sofrimento pessoal e familiar.

[Aliás, neste momento particular, permitam-me abrir parênteses para dirigir-me à minha esposa e companheira de vida, Heloísa, e aos meus filhos Thiago e Bruno, para agradecer-lhes, de um lado, a compreensão pelas minhas ausências e, de outro, a solidariedade para enfrentar a maldosa incompreensão alheia que algumas vezes me atormentou. Obrigado, querida Heloísa. Obrigado, queridos filhos.]

Nesses momentos de angústia e de dificuldades, quase sempre me socorria também na poesia de Gabriela Mistral, a única poetisa da América Latina a ser agraciada com o Prêmio Nobel, no trecho em que ela diz, abro aspas, “Dai-me, Senhor, a perseverança das ondas do mar, que fazem de cada recuo um ponto de partida para um novo avanço.”

Além da poesia, pude me socorrer também, mais do que do apoio, da verdadeira cumplicidade dos amigos e dos colegas de magistratura que me acompanharam na jornada de dirigir o Tribunal.

Muito obrigado, caro Afrânio Vilela, pelo companheirismo e por sua competente colaboração na tarefa de inserirmos o Judiciário mineiro na tecnologia do século XXI.

Muito obrigado, querida Áurea Brasil, pela amizade fraterna e pelo direcionamento de alto nível conferido por Vossa Excelência à nossa escola judicial.

Muito obrigado, querida Mariângela, que colocou toda sua doçura e humildade a serviço da conciliação, tornando o Poder Judiciário mineiro em líder na tarefa de aprofundar a mudança da cultura da litigiosidade para a da conciliação.

Muito obrigado, amigo Saldanha da Fonseca, por ter partilhado de forma entusiasmada nossa missão de conferir a maior prioridade

possível à primeira instância. Mais do que isto, obrigado pela companhia fraterna, pelo seu espírito compreensivo e pela forma sempre humana de tratamento que você dá a todos que o cercam, um marco de seu caráter.

Sei que não terei como citar e agradecer aqui a todos os colegas desembargadores que nos acompanharam na gestão, dirigindo superintendências, colegiados e coordenadorias, de forma positiva e leal. Mas espero que cada um receba meu fraternal abraço e o meu muito obrigado coletivo.

O agradecimento é o mesmo que faço aos juízes auxiliares da Presidência, que sempre estiveram a meu lado, sendo a alma e, muitas vezes, os músculos da gestão, antecipando situações a resolver e já nos apresentando soluções possíveis.

De modo geral, foram eles que, estando mais próximos da base, puderam nos alimentar de informações e sugestões para o bom direcionamento de nossas decisões. Verdadeiros “anjos da guarda” da Presidência, eu diria.

De toda a magistratura, aliás, pude receber incontáveis vezes o retorno de que nossa proposta de gestão, compartilhada e participativa, foi bem assimilada e, mais que isto, foi acolhida com entusiasmo, especialmente por ter tido como foco a valorização da primeira instância.

Esse sentimento de pertencimento eu pude perceber e sentir também da parte de nossos servidores.

Em cada comarca que visitava – e eu visitei muitas, ao longo de todo o mandato – era visível o sentimento de aprovação dos servidores. Visível e emocionante para mim, que sempre tive carinho especial pelos servidores, colaboradores e estagiários.

Se os magistrados são, como disse há pouco, os músculos do Poder Judiciário, posso avançar nessa alegoria e dizer que os servidores são os ossos que dão sustentação à musculatura. Sem eles, o corpo não para em pé.

Felizmente, apesar da crise orçamentária e financeira em que estávamos e ainda estamos mergulhados, em Minas e no Brasil, nós conseguimos cumprir todos os compromissos que assumimos com a categoria dos servidores, resgatando, inclusive, débitos antigos, que não nos cabe agora detalhar.

Mas não foi isto que nos deu e nos dá o reconhecimento dos servidores, e sim a consciência de prestadores de um serviço público que domina a imensa maioria deles.

Muito obrigado, caros amigos servidores.

Servidores que estiveram também muito próximos de mim na direção, de modo especial em seu início, quando enfrentamos situações que pareciam insuperáveis, como o trágico saldo negativo que encontramos em nosso primeiro dia na Presidência.

Em vez de nos queixarmos e transferir a responsabilidade com ataques violentos ao passado, optamos por trabalhar muito e, contando com a competência e tirocínio de servidores de alto nível, logramos tirar o nosso Tribunal do verdadeiro buraco em que se encontrava e desenvolver um programa de gestão altamente eficaz.

O desembargador Gilson Soares Lemes, que assume agora a Presidência, sabe que amanhã, ao assumir a cadeira que eu ocupava até hoje, não encontrará saldo negativo no caixa do Tribunal, mesmo porque acompanhou de perto nossa gestão, à frente da Superintendência Administrativa Adjunta.

A confiança na equipe e a segurança que ela nos passava foi que nos deu força para exercer na plenitude o mandato que nos foi outorgado, de chefe de um dos três Poderes do Estado, dirigindo o segundo maior tribunal do país.

Pudemos nos relacionar de forma altiva com os demais Poderes, sempre de forma respeitosa, mas sempre tendo em mente que autonomia e independência são preceitos constitucionais dos quais não se pode abrir mão em qualquer hipótese.

Convivemos com dois governadores, Fernando Pimentel e Romeu Zema, e com ambos mantivemos relações institucionais do mais

alto nível, buscando entender as dificuldades que cada um enfrentava, mas sem nos afastar um milímetro sequer de nossas garantias.

Não por acaso, com cada um deles conseguimos firmar acordos que se inserem hoje entre os de maior alcance da história do Judiciário brasileiro. A ambos, portanto, neste momento de despedida, dirijo meus respeitos.

Mantivemos, ainda, relacionamento institucional altamente produtivo com o Legislativo, tanto o estadual quanto o federal, naqueles momentos em que os temas em debate tangenciavam os interesses do Judiciário.

Aqui em Minas, tivemos a felicidade de encontrar à frente da Assembleia essa jovem vocação de estadista, o deputado Agostinho Patrus, que soube ser um parceiro leal e em vários momentos demonstrou sua sensibilidade social e seu apreço pelo Judiciário, nos ajudando no encaminhamento de matérias legislativas de interesse.

No plano federal, é mistér citar a cooperação de parlamentares, de diversos partidos, que sempre se dispuseram a nos ajudar em missões de interesse institucional.

Cabe-me, finalmente, abraçar fraternalmente o amigo desembargador Gilson Soares Lemes, que assume a direção do Tribunal de Justiça de Minas Gerais com as qualidades exigidas para um bom desempenho.

Gilson tem o perfil talhado para a gestão e conhece o Tribunal como poucos, o que lhe dá o instrumento para a boa gestão, sem falar que ele teve a sabedoria de manter grande parte da equipe técnica que nos assessorou.

Sucesso, caro Gilson, é o que tenho a lhe desejar, além de oferecer minha disposição de continuar servindo ao Tribunal, seja na judicatura, para onde retorno com alegria, seja em qualquer outra missão para que seja convocado.

Sucesso igual aos colegas eleitos, todos irmanados em uma corrente única, para oferecer ao Poder Judiciário uma gestão que o fortaleça ainda mais no cenário brasileiro.

Sucesso, caro amigo Desembargador José Flávio de Almeida, Primeiro Vice-Presidente;

Sucesso, caro amigo Desembargador Tiago Pinto, Segundo Vice-Presidente;

Sucesso, caro amigo Desembargador Newton Teixeira Carvalho, Terceiro Vice-Presidente;

Sucesso, caro amigo Desembargador Agostinho Gomes de Azevedo, Corregedor-Geral de Justiça;

Sucesso, caro amigo Desembargador Edison Feital Leite, Vice-Corregedor-Geral de Justiça.

Disse no início que me sentia leve e poético nesta despedida, sem fazer relatório. Não sei se cumpri a promessa, mas sei que quem falou por mim foi a voz do sentimento. E lembro-me agora de um outro cânone da poesia de que gosto muito. Adélia Prado, a magnífica poetisa de Divinópolis, diz em um de seus poemas, abro aspas: “Minha mãe dizia que a coisa mais importante do mundo é o estudo. Não é. É o sentimento”.

É isto, foi o sentimento que me guiou e ainda me guia nessa despedida, tanto que agora me dou a licença de recorrer a William Shakespeare para lembrar que “nós somos do tecido de que são feitos os sonhos”. E me permito a recorrer também a Winston Churchill para dizer que “todas as grandes coisas são simples. E muitas podem ser expressas em poucas palavras: liberdade; justiça; honra; dever; piedade; esperança.”

Muito obrigado a todos.